

---

# *SABERES PROFISSIONAIS DE PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL: A MEDIAÇÃO DE CONFLITOS ENTRE CRIANÇAS*

---

**Crislaine Augusta Buzinari**

(Universidade Federal de São Carlos)

**Aline Sommerhalder**

(Universidade Federal de São Carlos)

**Resumo:** *Esse artigo decorre de uma pesquisa concluída sobre saberes profissionais de professoras de educação infantil, diante de momentos de conflitos que ocorrem entre crianças no cotidiano escolar. Teve como questão de pesquisa: quais são os saberes profissionais mobilizados por professoras da educação infantil, em situações de conflito entre crianças? O objetivo foi identificar, a partir das vozes de professoras, quais são os saberes construídos por essas profissionais para lidar com situações de conflitos entre crianças nas práticas pedagógicas da educação infantil. Trata-se de uma pesquisa na perspectiva qualitativa, descritiva e exploratória e que teve, como participantes, professoras da rede municipal de ensino de uma cidade do interior do Estado de São Paulo, que atuam em creches municipais. Entre os resultados, destacam-se o diálogo, a aproximação com as famílias e a compreensão da dinâmica do desenvolvimento infantil como saberes dessas profissionais. Conclui-se que esses saberes são importantes processos mobilizados como ferramentas de mediação de conflitos entre crianças e precisam ser compartilhados, refletidos e valorizados no âmbito da docência na educação infantil.*

**Palavras-chave:** *Crianças. Conflitos. Saberes Profissionais. Práticas Pedagógicas. Educação Infantil*

## PROFESSIONAL SKILLS OF EARLY EDUCATION TEACHERS: CHILDREN CONFLICT MEDIATION

**Abstract:** *This article results from a completed undergraduate research project on early education teachers' professional skills harnessed when conflicts among children occur in school life. The research question was: What are the professional skills exercised by early education teaching professionals in situations of conflict among children? The objective was to identify, by listening to teachers, what are the skills developed by those professionals to handle children conflict situations in early education teaching practices. This is qualitative, descriptive and exploratory research, and the participants were teachers from city-run day care centers in a São Paulo State country town. Among the results are the dialogue, the approach with families and the understanding of the child development dynamics as the main skills of these professionals. We conclude that these skills are important processes deployed as tools to mediate conflicts among children and need to be shared, valued and reflected in early education teaching.*

**Keywords:** *Children. Conflicts. Professional skills. Teaching practices. Early education.*

## *Introdução*

A educação infantil no Brasil é um direito conquistado pela população, tendo sido primeiramente entendido como uma assistência às mulheres trabalhadoras e, posteriormente, um direito efetivamente das crianças, visando sua educação e seu desenvolvimento. A alteração da compreensão, ao se tratar do atendimento às crianças, decorre de mudanças históricas do papel da criança dentro da sociedade. A compreensão de criança e infância é diferente em diversas comunidades e culturas, pois seu significado é também relacionado às práticas sociais que ocorrem no cotidiano de diferentes grupos sociais.

O tema conflitos entre crianças na educação infantil se apresenta como um desafio nas práticas pedagógicas e para a docência nessa etapa de educação básica. Os fazeres docentes englobam aprender a lidar com os conflitos cotidianos entre crianças e envolve a mobilização de um conjunto de saberes profissionais que, por vezes, não são valorizados como aprendizagens importantes da profissão entre os professores/as de educação infantil e pelos pesquisadores do campo.

Vale ressaltar que professores/as de educação infantil ainda são, muitas vezes, profissionais invisibilizados no reconhecimento de seus saberes profissionais. Os saberes docentes são construídos a partir de diversas fontes, identificadas por Tardif, Lessard e Lahaye (1991) em contextos pessoais, como história de vida; de formação escolar anterior, como da escola básica; da formação profissional para a docência, como nos cursos de formação inicial e continuada de professores; das próprias experiências profissionais, como aquelas que são vividas em sala de aula e na escola e dos materiais (como livros didáticos) que são utilizados no trabalho. Tardif (2002) anuncia que os professores precisam socializar os conhecimentos por eles produzidos em suas práticas cotidianas de docência, de modo que outros grupos possam reconhecê-los como produtores de saberes e, assim, impor-se como grupo produtor de um saber oriundo de sua prática profissional, podendo reivindicar um controle legítimo.

Nesse sentido, tem-se como questão de pesquisa: quais são os saberes profissionais mobilizados por professoras da educação infantil em situações de conflito entre crianças? O objetivo foi identificar, a partir das vozes de professores/as, os saberes construídos por essas profissionais para lidar com as situações de conflitos entre crianças nas práticas pedagógicas da educação infantil.

A concepção vigente nos documentos oficiais que norteiam a educação infantil no Brasil, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9394 de 1996 (BRASIL, 1996), a Política Nacional de Educação Infantil (BRASIL, 2006), os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (BRASIL, 2006) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009), apontam, dentre outros aspectos, para a importância do ambiente e as relações que nele acontecem para o desenvolvimento da criança.

Nessas relações humanas encontra-se um cenário nem sempre tranquilo para crianças e adultos. Os conflitos fazem parte da rotina na educação infantil e os profissionais, especialmente os/as docentes que ali atuam, são solicitados cotidianamente para uma ação pedagógica, visando a mediação de conflitos vividos entre as crianças. Esses profissionais são chamados a ações pedagógicas, com vistas à resolução do conflito, de modo a incentivar o desenvolvimento saudável e integral de cada criança.

As crianças constroem sua moralidade e os conceitos de certo e errado progressivamente nas relações estabelecidas. Quando se inserem no contexto da rotina da educação infantil, elas entram em um mundo social onde existem pessoas de diferentes culturas, costumes e histórias que mantêm uma boa convivência, respeitando regras de convívio. Dentro desse cenário de relações humanas, acontecem conflitos. Para melhor compreensão, o conflito é entendido como “um momento no desenvolvimento de um projeto, no qual aparece o obstáculo que obriga a criança a buscar uma estratégia de solução” (BARRIÈRE et al. 2011, p. 156).

Compondo as relações infantis, o conflito contribui para a organização social do grupo, para a construção da identidade, para a assimilação dos valores culturais e para a definição e fortalecimento de vínculos de amizade, pois as crianças buscam as ações dos outros, provocando e valorizando as possíveis reações, tornando-se comuns manifestações de acordos e desacordos com as outras crianças. Em momentos como esse, os conflitos propiciam relações de contradições, de organizações do pensamento e a busca por variadas estratégias que desencadeiam negociações visando à resolução do conflito.

O conflito, ao contrário do senso comum, não é um comportamento negativo no desenvolvimento infantil. Pode ocorrer, em meio aos conflitos, manifestações de agressividade, porém isso não se torna uma regra. Essas relações conflituosas tornam-se positivas quando colaboram para a dinâmica sócio-afetiva do grupo e enriquecem as articulações entre os projetos de cada criança (BARRIÈRE et al. 2011).

Kramer (2009) esclarece que as causas mais comuns de conflito são o controle e a posse de brinquedos, a entrada das crianças em brincadeiras que já estão em andamento, o contato físico que provoca machucados, intencionalmente ou não, disputas pela liderança das brincadeiras e o ato de contar a um adulto uma atitude considerada errada que a outra criança fez, com o objetivo de aplicação de uma punição.

As estratégias para a resolução desses conflitos entre as crianças perpassam, por vezes, comportamentos de agressividade, pois as crianças da educação infantil encontram-se em um período de desenvolvimento e podem agir guiadas mais pelas emoções, além de não terem totalmente desenvolvida a linguagem oral, o que aumenta a comunicação dos seus sentimentos por meio de gestos e expressões. Um elemento que caracteriza a situação social de desenvolvimento na primeira infância é a dependência da situação, ou seja, a criança depende do seu campo visual e cada percepção da criança é seguida por uma ação, como se ela se apoiasse em impressões externas.

Nesse período de vida, as crianças interagem com os adultos, respondendo e percebendo a aprovação ou reprovação de seus atos, mas isso não é suficiente para que ela compreenda por completo suas ações.

A princípio, quem orienta a ação da criança por meio de palavras é o adulto e essa criança interage com o meio e passa a utilizar a palavra para orientar a conduta do adulto; conseqüentemente, a criança passa a controlar sua própria atenção, atuando sobre si mesma. Na educação infantil, o psiquismo da criança se assenta sobre as funções primitivas; com isso podemos dizer que a conduta da criança depende de um direcionamento educativo. É necessário compreender as fases de desenvolvimento da criança para não cometer equívocos na avaliação sobre as reais possibilidades de autodomínio voluntário de seus comportamentos. Nessa fase, a criança precisa de referências externas para a regulação de sua conduta, que serão posteriormente internalizadas (PASQUALINI e FERRACIOLI, 2009).

Quando ocorrem, em uma situação de conflito, ações inadequadas de contato físico que provocam ferimentos e dores, é muito comum a compreensão da criança como uma pessoa violenta, o que acaba por naturalizar uma ação que precisa ser compreendida dentro de um contexto cultural e de relações humanas.

Para Luz (2010), a ação violenta pressupõe a intencionalidade, ou seja, é preciso que a pessoa tenha consciência de que sua ação pode causar danos à outra pessoa. Desse modo, essa ação pressupõe que o autor já tenha desenvolvida a capacidade de interpretar e de compreender as situações vividas. No contexto da educação infantil, que compreende crianças de 0 a 5 anos de

idade, não há como dizer antecipadamente que essas crianças agem e se relacionam de forma violenta, pois, em princípio, mesmo desejando ferir o outro, elas ainda podem encontrar dificuldades para avaliar de forma completa seus atos, as consequências desse ato para ela e para o outro e quais proporções isso pode tomar em seu contexto social.

Em situações de conflitos cotidianos entre as crianças na educação infantil, a rotina deve ser vivenciada por meio de práticas pedagógicas que fazem sentido para elas e não apenas para atender ao que o profissional considera ser o mais adequado para o momento. Isso não significa que os adultos não devam colocar limites às crianças quando essas desrespeitam as regras de convívio social e quando colocam em risco a integridade física e psicológica das pessoas. O que deve ser pensado é o modo como esse limite é apresentado para a criança como, por exemplo, por meio de um 'contrato' pedagógico. Nessa perspectiva, Luz (2010, p. 5) é colaborativa, quando aponta que "o diálogo, a explicação, a indicação de como a criança deve agir em determinada situação deve ser o ponto de partida dessa atitude educativa".

O diálogo é o ponto de partida para a mediação dos conflitos. Também é importante uma organização adequada do ambiente escolar e de sala, pois isso também contribui para o desenvolvimento sócio afetivo da criança. Nessa organização, é fundamental a garantia de condições de segurança, respeito, atenção e cuidado em relação às crianças. É fundamental um planejamento pedagógico que intencione atividades para a promoção de momentos de aprendizagem significativos e não de desconforto nas relações humanas. Por exemplo, ao colocar apenas um brinquedo para muitas crianças, sem que se estabeleça uma ordem e um tempo para que elas possam manuseá-lo é uma forma de contribuir para uma situação de conflito entre as crianças.

É necessário pensar nas ações de uma criança, sem isolar o contexto em que elas ocorrem, uma vez que o ambiente pode se constituir em um condicionante para que o conflito aconteça, principalmente na educação infantil. Exigir que uma criança fique calada e sentada por um tempo muito longo, oferecer uma pequena quantidade de brinquedos, espaços pequenos e fechados, ausência de espaços externos e brincadeiras livres, pode contribuir para um ambiente propício para a produção de conflitos entre as crianças.

Barbosa (2006) afirma que um ambiente organizado traz segurança e conforto para a criança na educação infantil; a rotina é mais uma ferramenta pedagógica de organização e que pode inibir a ansiedade gerada por um ambiente desconhecido para a criança, ou seja, antecipar a criança os acontecimentos diários, sendo flexíveis quando necessário para atender as

necessidades e interesses do grupo. Esse ambiente deve ser composto por relações saudáveis para o desenvolvimento infantil, fazendo com que a criança tenha acesso a comportamentos e relações respeitadas, passando a conhecer diversas maneiras para uma convivência saudável em grupo (LUZ, 2010).

O modo como se desenvolvem as relações humanas na instituição de educação infantil tem grande influência no desenvolvimento sócio afetivo das crianças, pois vivendo todos os dias no mesmo espaço, este se constitui em um ambiente importante de formação da criança. Caso esse ambiente seja vivenciado por relações violentas de resolução de conflitos, as crianças, provavelmente, não irão conhecer outras formas de agir nessas situações no ambiente escolar (LUZ, 2010).

Tomando os estudos de Chrispino (2007, p.15) que anuncia que “conflito é toda opinião divergente ou maneira diferente de ver ou interpretar algum acontecimento”, compreende-se que os conflitos relacionais são experiências presentes em nossa sociedade e cultura; por isso, é importante que a criança aprenda a resolvê-los da melhor forma possível, visando o bem comum do grupo com que interage.

Segundo Chrispino (2007), o conflito tem origem a partir de diferentes opiniões e desejos, sendo importante compreender que, nesse cenário, existem posições diferentes sobre um mesmo assunto ou contexto. Com isso, é preciso entender que o conflito é, antes de tudo, uma experiência humana e, nesse contexto, é importante ao professor a aprendizagem profissional de diversas formas de mediação, como modo de resolver ou propor caminhos para uma melhor convivência entre as crianças e delas com os profissionais. A mediação “pode induzir a uma reorientação das relações sociais, novas formas de cooperação, de confiança e de solidariedade, formas mais maduras, espontâneas e livres de resolver as diferenças pessoais ou grupais” (CHRISPINO, 2007, p. 23).

### *Caminho metodológico*

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, descritiva e exploratória. Segundo Ludke e André (1986), a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Além disso, os dados coletados são predominantemente descritivos, e ocorre uma preocupação maior em relação ao processo do que com o produto. Também são considerados os significados que as pessoas dão às coisas e à sua vida.

Participaram desse estudo 6 (seis) professoras de educação infantil da rede municipal de ensino de uma cidade do interior do estado de São Paulo, que atuavam em creches públicas e que, durante a investigação, participavam de um projeto de formação continuada, em parceria com uma universidade pública do interior do estado de São Paulo e a Secretaria Municipal de Educação dessa cidade. As participantes da pesquisa são mulheres e o grupo foi constituído por professoras experientes e outras, iniciantes na carreira de docência, sendo que todas tinham formação em Pedagogia.

Como instrumento de coleta utilizou-se um questionário, composto por questões abertas e um formulário para coleta de informações sobre a formação e a experiência profissional. A composição das questões abertas enriqueceu o instrumento de coleta, que se desenrolou com base em um esquema básico, que permitiu às participantes colaboradoras da pesquisa certa liberdade nas respostas (LÜDKE e ANDRÉ, 1986).

O questionário foi composto por quatro questões: 1) em seu cotidiano de trabalho na educação infantil, você se depara com situações de conflitos entre as crianças? Se sim, explicita alguns exemplos de conflitos mais frequentes; 2) diante de conflitos entre crianças, quais são suas ações docentes mais comuns? 3) essa temática (conflito entre crianças na educação infantil) foi, de algum modo, abordada em sua formação inicial para a docência na educação infantil? Explicita; 4) você considera que o conhecimento sobre modos de mediação de conflitos entre crianças é importante para as suas práticas cotidianas na educação infantil? Explicita.

A identidade das profissionais participantes foi preservada por meio de uso de nomes fictícios e as mesmas foram esclarecidas sobre a pesquisa e concordaram com a participação, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os resultados foram analisados com base na análise de conteúdo, apresentado por Gomes (1994) e Bardin (1977). A análise de conteúdo possibilita compreender os dados encontrados e responder as questões de pesquisa previamente elaboradas, ampliando o conhecimento sobre o fenômeno investigado (GOMES, 1994). Para a apresentação e discussão dos resultados, foram construídas três categorias de análise, a partir das respostas apresentadas pelas professoras: 1) relações dos conflitos com disputa por brinquedos e o desenvolvimento infantil; 2) saberes das experiências profissionais em práticas pedagógicas com as crianças; 3) saberes construídos na formação profissional para a docência.

## *Resultados e Discussão*

A seguir, será apresentada e discutida uma parte dos resultados encontrados na pesquisa, a partir das três categorias construídas: a) relações dos conflitos com disputa por brinquedos e o desenvolvimento infantil; b) saberes das experiências profissionais em práticas pedagógicas com as crianças; c) saberes construídos na formação profissional para a docência.

### *a) Relações dos conflitos com disputa por brinquedos e o desenvolvimento infantil;*

A maior parte (5) das participantes apontou a disputa por brinquedos como causa mais comum dos conflitos na rotina da educação infantil. Esse dado não é surpreendente; ele reafirma as constatações de Kramer (2009) que aponta que as causas mais comuns de conflito são o controle e a posse de brinquedos, a entrada das crianças em brincadeiras que já começaram e disputas pela liderança das brincadeiras, entre outras.

O fato de mais de uma criança querer brincar com o mesmo objeto já cria uma relação de conflito, pois houve um impedimento do objetivo inicial da criança que a obriga a buscar uma estratégia de solução (BARRIÈRE et al. 2011).

Há conflitos pela disputa por atenção das educadoras do berçário (ciúmes) e por brinquedos, às vezes ocasionando puxões de cabelo (Prof<sup>a</sup>. Beatriz).

Sim, mais a maioria dos conflitos é pela disputa de brinquedos que costuma ser frequente (Prof<sup>a</sup>. Daniela).

A disputa por brinquedos é a mais frequente (Prof<sup>a</sup>. Elaine).

É importante entender que, segundo Vygotski (1991), as crianças nessa faixa etária agem mais pelas emoções, pois não têm compreensão total sobre suas ações, além de não terem totalmente desenvolvida a linguagem, o que aumenta a comunicação dos seus sentimentos, por meio dos gestos. Esse autor esclarece que o que caracteriza a situação social de desenvolvimento na primeira infância é a dependência da situação, ou seja, a criança depende do seu campo visual e cada percepção da criança é seguida por uma ação, como se ela fosse guiada pelas impressões externas.

Torna-se necessária, então, a mediação do adulto nessas relações para que os danos físicos e psicológicos deixem de existir ou se amenizem. As crianças, nesse período, interagem com o adulto respondendo e percebendo a aprovação ou reprovação de seus atos, mas isso não é suficiente para que ela controle por completo seu comportamento.



Nesse contexto, seguem algumas contribuições das professoras participantes da pesquisa:

[...] quanto ao comportamento como, por exemplo, os puxões de cabelo ou mordidas é necessário intervir para que não ocorra. (Prof<sup>a</sup>. Beatriz)

[...] é preciso que elas aprendam a se conhecer melhor e a conhecer o outro, aprendam a se respeitar e serem respeitadas, aprendam a conviver num ambiente acolhedor que lhes dê apoio e limites, o que eu criança posso fazer, o que eu não posso fazer. Enfim, ajudá-los a serem pessoas felizes e a crescerem num ambiente acolhedor que lhes de respeito ao próximo. (Prof<sup>a</sup>. Camila)

Segundo Vygotski (1991), no período da educação infantil, o psiquismo da criança se assenta sobre as funções primitivas que estão ligadas diretamente ao estímulo do meio em que ocorrem as relações; com isso, a conduta da criança depende de um direcionamento educativo, pois a princípio quem orienta a ação da criança por meio de palavras é o adulto. Logo, essa criança interage com o meio, utilizando a palavra para orientar a conduta do adulto e, conseqüentemente, ela passa a controlar sua própria atenção, atuando sobre si mesma. Nessa fase a criança precisa de referências externas para a regulação de sua conduta que serão, posteriormente, internalizadas.

Os brinquedos fazem parte do universo infantil e estão presentes nos momentos de brincadeiras existentes na rotina da educação infantil. Porém, a disposição de um único brinquedo para várias crianças, certamente ocasionará a disputa pelo mesmo objeto, visto que é um objeto de interesse de todas. Esses momentos podem ser evitados ou amenizados de acordo com o planejamento pedagógico, a organização do ambiente e dos materiais a serem disponibilizados bem como a ação pedagógica dos/das professores/as.

Destaca-se um saber profissional compartilhado por uma das professoras colaboradoras desse estudo, quando em situações de conflito por brinquedos.

[...] é oferecido outro brinquedo a uma das crianças envolvidas e há troca de objetos entre os pares para a exploração (Profa. Beatriz)

Outro aspecto de compreensão da existência de conflito, apontado nas respostas, decorre da fase de desenvolvimento infantil, conhecida como egocentrismo.

[...] os conflitos mais frequentes decorrem do egocentrismo, que considero bastante acentuado nessa fase, e os casos das crianças quererem dominar a situação, causando dessa forma um desentendimento entre elas. (Prof<sup>a</sup>. Fernanda)

[...] por exemplo: criança egocêntrica que pega o brinquedo das mãos de outra criança, criança que bate. (Prof<sup>a</sup>. Camila)

Na perspectiva piagetiana (RAPPAPORT, 1981, p.68), o egocentrismo “se caracteriza, basicamente, por uma visão da realidade que parte do próprio eu”, ou seja, a criança não idealiza uma situação em que ela não se sinta incluída. O desenvolvimento é um processo progressivo. na tentativa de compreender a realidade com a finalidade de adaptação. Essas diferentes formas de interação chamam-se estágios ou períodos e cada faixa etária corresponde a determinados tipos de aquisições mentais que condicionam a ação da criança (RAPPAPORT, 1981).

Tomando por base esses estudos, compreende-se que a criança constrói sua inteligência à medida que amadurece física e psicologicamente por meio de estimulação do ambiente físico e social. É ela quem constrói seu crescimento mental a partir de seu crescimento orgânico e da maturidade neurológica e fisiológica. A maioria das crianças de uma determinada cultura amadurece seus processos biológicos e psicológicos em idades aproximadas.

Considerando a teoria piagetiana, o desenvolvimento segue etapas que caracterizam a aparição de estruturas originais e de uma determinada forma pela qual o indivíduo tenta compreender a realidade, sendo iniciado por meio dos reflexos inatos que gradualmente se modificam. Logo, cada período do desenvolvimento diz respeito a um grupo de características que são alteradas em função da organização mental mais completa. Assim, um sujeito gradualmente se educa nas relações humanas, aprimorando a sua capacidade para imaginar, questionar valores sociais, entre outras coisas.

Na perspectiva da teoria piagetiana (PIAGET, 1976), no período sensório motor, em que se percebe o início da evolução mental, não existe diferenciação entre o eu e o mundo exterior; as vivências são um bloco indissociado entre o meio externo e interno; o que é percebido é relacionado à própria atividade. A consciência se inicia com um egocentrismo inconsciente que irá alcançar um meio objetivo por meio dos progressos da inteligência sensório motora, que diferencia objetos externos do próprio corpo. A criança se encontra em uma fase bem egocêntrica, mas caminha para uma adaptação à realidade. Já no período de desenvolvimento seguinte a esse, a criança continuará bastante egocêntrica devido à falta de esquemas conceituais e de lógica, sendo caracterizado pela forma lúdica e fantasiosa da realidade. Cabe dizer que o egocentrismo também fará parte do universo intelectual, social e de linguagem da criança, possibilitando que a criança possa enfrentar dificuldades em entender que o outro possui sentimentos, atitudes e desejos diferentes dos seus próprios.

*b) Saberes das experiências profissionais em práticas pedagógicas com as crianças*

Nessa categoria destacam-se alguns saberes profissionais que esse grupo de professoras construiu, para a mediação de conflitos entre as crianças, em seus próprios contextos de práticas pedagógicas. Dentre as repostas, é possível encontrar o diálogo, o envolvimento da família e os momentos de pensamento da criança como mediações pedagógicas mais frequentes que ocorrem diante de situações conflitos entre as crianças.

[...]a ação mais comum é o diálogo (Profa. Fernanda).

[...] as ações envolvem conversar, dialogar e explicar o que é errado (Profa. Alice)

Para Freire (2005), quando estamos no mundo, seja no ambiente familiar, de trabalho ou escolar, estamos com os outros. E estar com os outros significa manter relações com os outros, em um processo de comunicação.

Dentre as várias formas de comunicação e de vivência das relações, tem-se o diálogo. O processo dialógico não significa omitirmos diante das outras pessoas e nem a elas nos impor, mas compreende reconhecer minha própria humanidade e reconhecer a do outro. Esse processo permite refletir, programar, avaliar e transformar as ações dos seres humanos no e com o mundo (FREIRE, 2005).

Esse autor aponta que o diálogo se define pela palavra que deve ser verdadeira, comprometida com a transformação no mundo e não deve ser puro verbalismo. A perspectiva de diálogo é constituída pela dupla dimensão da palavra, sendo que a ação e a reflexão devem ser articuladas. Ou seja, a palavra possibilita a pronúncia e a transformação do mundo. Segundo Freire (2005), o diálogo deve conter alguns elementos como o amor ao mundo e aos homens, tomando o amor como um compromisso que necessita de uma postura de humildade, pois, se não sou humilde, considero-me auto-suficiente, o que impossibilita o diálogo. Além disso, o autor destaca o ato de confiar como elemento essencial ao diálogo, pois permite uma relação horizontal na busca pelo aprendizado e a esperança que implica conhecer os erros e acreditar na mudança, por meio da ação.

Assim como eles aprendem a engatinhar, falar e a comer sozinhos, precisam também aprender sobre boa convivência e respeito ao próximo. E nós professoras temos que dar esse exemplo e sermos modelo para nossos alunos sempre (Profa. Camila).

Isso fortalece a ideia de coerência nas ações docentes em diversas circunstâncias, como por exemplo, nas mediações de conflitos entre as crianças. O envolvimento da família nesse processo é um saber em destaque para essas professoras e é entendida como uma ação colaborativa para o desenvolvimento integral da criança.

[...] Cabe ao professor que tenha uma competência polivalente, ou seja, educar, cuidar, conhecimento dos diversos eixos de aprendizagem, reflexão sobre a prática, diálogo com seus pares e familiares, observações registros, planejamento e avaliação ou fichas de acompanhamento. (Prof<sup>a</sup>. Camila)

Conversas individuais ou em grupos e em alguns casos específicos conversa com os pais (Prof<sup>a</sup>. Daniela)

A conversa com os pais ou familiares, apontada pelas professoras, deve se realizar com a finalidade de entender as ações da criança para uma ação pedagógica em parceria com a família, no sentido de buscar uma prática coerente com a realidade e com as condições psicológicas, físicas e culturais de cada criança, com vistas ao aprendizado e ao desenvolvimento adequado para cada uma, e ressaltando o respeito às pessoas e às regras de convívio em grupo. Luz (2010, p. 5) lembra que “o diálogo, a explicação, a indicação de como a criança deve agir em determinada situação, deve ser o ponto de partida dessa atitude educativa”. Portanto, o entendimento e esclarecimento dos fatos pode ser um ponto de partida para a mediação dos conflitos entre crianças.

*c) Saberes construídos na formação profissional para a docência*

Essa categoria refere-se ao processo de construção de alguns saberes profissionais sobre a temática dos conflitos na educação infantil e, que se constroem na formação inicial.

[...] a formação teórica do curso de formação inicial é muito importante para saber as ações pedagógicas necessárias em certos comportamentos das crianças que são inadequados; porém acredito que este tema deve ser abordado com mais frequência nas formações continuadas dos educadores (Profa. Beatriz).

O que nos ajudou foram informações práticas e valiosas da psicóloga que nos assessora pela prefeitura, por meio dos cursos, mas também ressaltou as conversas com as crianças, suas famílias, experiências práticas do dia a dia. (Prof.<sup>a</sup> Camila)

Segundo Rossetti-Ferreira (2009), por causa da complexidade da docência e dos fazeres pedagógicos com crianças pequenas, os professores são levados a tomar decisões rapidamente e, em algumas situações, não refletem posteriormente sobre as próprias ações pedagógicas. Desse modo, alguns saberes profissionais acabam por ser pouco compartilhados com os colegas, pouco analisados e, com isso, tem-se pouca visibilidade e valorização dos conhecimentos docentes.

Segundo Tancredi (2009), a docência é uma profissão complexa, os professores precisam ampliar cada vez mais seus conhecimentos para o ensino,

transformando suas práticas em função do contexto de atuação. Para este autor, “ser professor não cessa quando a aula termina” (p. 15), pois abrange participação na escola, na comunidade, além da necessidade de assumir uma postura ativa perante os estudantes, buscando transformações da realidade. Isso se encontra em um cotidiano de incertezas, imersos em repostas e ações rápidas e acertadas e em situações imprevistas, deixando o trabalho docente ainda mais complexo.

Entende-se que os saberes profissionais são adquiridos ao longo da vida do professor, não apenas em cursos de formação inicial, mas também em sua trajetória de vida, em seu percurso escolar, como aluno, em processos de formação continuada, nas próprias práticas profissionais, sendo que esses saberes são conquistados por meio de uma aprendizagem contínua, que é individual, mas também é coletiva e precisa ser compartilhada, de modo a instigar momentos sistematizados para reflexão e valorização desses conhecimentos.

### *Considerações Finais*

A rotina na educação infantil envolve muitas experiências vividas entre crianças e entre elas e os profissionais, conforme destaca-se neste texto que trata de situações de conflito entre as crianças. Partiu-se da compreensão de que conflito é “como um momento no desenvolvimento de um projeto, no qual aparece o obstáculo que obriga a criança a buscar uma estratégia de solução” (BARRIÈRE et al. 2011, p. 156), ou ainda que “conflito é toda opinião divergente ou maneira diferente de ver ou interpretar algum acontecimento” (CHRISPINO, 2007, p. 15).

Em meio a inúmeras experiências que ocorrem na rotina da educação infantil, a mediação dos conflitos deve ser pensada e planejada para ampliar o conhecimento de possíveis práticas de soluções dos conflitos. Tratar o conflito como algo que faz parte das relações humanas vivenciadas por crianças e adultos é um exercício importante:

Podemos observar os conflitos como positivos, pois os confrontos são parte da construção das relações entre crianças e a realidade física que as rodeia; longe de nos parecer unicamente negativos e destrutivos, resultam reveladores da dinâmica afetivo-cognitiva do grupo de crianças e da maneira como podem articular-se aos projetos de cada um (BARRIÈRE et al., 2011, p. 153).

É importante, também, entender o espaço físico e a rotina onde acontecem os conflitos, e refletir sobre o que está ao redor dessas relações é essencial para compreender os reais motivos de conflitos entre as crianças. Nesse sentido, é

importante planejar a rotina, o espaço, os materiais disponibilizados. Além do diálogo e das explicações, é necessária uma organização adequada do ambiente, pois isso também contribui para o desenvolvimento da criança, em especial, a dimensão sócio afetiva. É necessário pensar na conduta de uma criança, sem isolar o contexto em que ela ocorre, pois o ambiente pode ser um potencializador para que o conflito aconteça.

Esse ambiente deve ser vivido cotidianamente por meio de relações saudáveis, permitindo que a criança experiencie relações respeitadas e passe a conhecer maneiras de uma boa convivência em grupo. As ações dos adultos devem fazer sentido para as crianças, visto que o ato de colocar de castigo, gritar ou falar grosseiro não amplia as estratégias de resolução de conflitos.

Este estudo apontou que, dentre os saberes profissionais, o diálogo como orientador da ação pedagógica é a mediação mais usada nas relações de conflito entre as crianças. O envolvimento da família também foi citado pelas profissionais que fizeram parte dessa pesquisa, compreendendo que essa aproximação com a família deve ser feita para beneficiar as relações, e não apenas apontar os problemas.

Identificamos alguns saberes profissionais para a mediação dos conflitos, dentre eles, a compreensão docente sobre o desenvolvimento infantil. O estudo em questão possibilitou o anúncio de alguns saberes profissionais de docentes que atuam com crianças pequenas, aproximando-se assim do pensamento de Tardif (2002) quando indica que os professores precisam dedicar-se a formular, objetivar e traduzir suas práticas profissionais, de modo que seus saberes sejam acessíveis e também úteis para outros colegas de profissão.

A partir destes resultados encontrados, outras questões de pesquisa surgiram: como potencializar o diálogo com crianças que estão se apropriando da linguagem oral? Quais as formas de mediação quando a agressão entre crianças se torna prática constante em situações de conflitos? Essas questões e outras podem subsidiar a produção de outros estudos colaborativos para a compreensão dessa temática.

### *Referências*

- BARBOSA, M.C.S. *Por amor e por força: rotinas na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRIÉRE, M; BONICA, L.; MUSATTI, M.; RAYNA, S.; STAMBAK, M.; VERBA, M. *Os bebês entre eles: descobrir, brincar, inventar juntos*. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Diário Oficial da União. Brasília, DF, v. 134, n. 248, p. 27833-841, 23 dez. 1996.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. *Resolução CNE/CEB nº 5/2009*. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 18 dez de 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Política Nacional de Educação Infantil : pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação*. Brasília: MEC, SEB, 2006. 32 p.

BRASIL. *Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil*. Brasília: MEC, 2006.

CHRISPINO, A. Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. *Ensaio: aval.pol.públ.Educ.*, Jan./Mar. 2007, vol.15, no.54, p.11-28.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 43.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M.C de S. (org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

KRAMER, S. *Retratos de um desafio: crianças e adultos na educação infantil*. São Paulo: Ática, 2009.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

LUZ, I.R. da. Relações entre crianças e adultos na educação infantil. In: *Anais do I Seminário Nacional: currículo em movimento: Perspectivas Atuais*, Belo Horizonte, novembro de 2010.

PAQUALINI J. C.; FERRACIOLI, M. U. A questão da agressividade em contexto escolar. In: ARCE, A.; MARTINS, L. M. (org.). *Ensinando aos pequenos de zero a três anos*. Campinas/SP: Alínea, 2009.

PIAGET, J. *A equilibração das estruturas cognitivas: o problema central do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

RAPPAPORT, C. R. et al. *Psicologia do Desenvolvimento: teorias do desenvolvimento, conceitos fundamentais*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1981.

ROSSETTI - FERREIRA, M.C. *Os fazeres na educação infantil*. São Paulo: Cortez, 2009.

TANCREDI, R. M. S. P. *Aprendizagem na docência e profissionalização: elementos de uma reflexão*. EdUFSCar, 2009.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

TARDIF, M.; LESSARD, C.; LAHAYE, L. Os professores face ao saber: esboço de uma problemática do saber docente. *Teoria e Educação*, Porto Alegre, Pannonica, n. 04, p.215-233, 1991.

VYGOTSKI, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

---

*Sobre as autoras:*

**Crislaine Augusta Buzinari** é Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos e professora de Educação Infantil

**Aline Sommerhalder** é Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação, Dep. de Teorias e Práticas Pedagógicas da Universidade Federal de São Carlos

*Submetido em: 21 de maio de 2015*

*Aceito para publicação em: 10/04/2016*